

## Linguagem, Consciência e Alienação: O Óbvio como Obstáculo ao Desenvolvimento da Consciência Crítica

Antonio Donizeti Leal<sup>1</sup>

*Linguagem, consciência e alienação* é um estudo que se insere nos debates teóricos dos anos 80 e 90 sobre educação e, em particular, formação de professores. Esta última vai sendo problematizada pela autora por meio da articulação dessas três categorias, no interior da teoria social marxista, privilegiadamente, a psicologia vigotskiana.

Ao construir sua trajetória analítica a partir dos referenciais marxistas, Mello o faz por meio de uma dialetização entre condicionantes sociais e ação humana, de forma a não polarizar objetivação e subjetivação do ser humano, em consonância com a afirmação de Marx, no *18 Brumário*: os homens fazem a história, mas sob dadas condições. Neste sentido, o ser humano é contextualizado, mas não se subsume aos contextos, pois pelas frestas e fissuras se inscrevem as rupturas advindas das intenções política e socialmente instauradas.

Vigotski, no âmbito da psicologia, analisa os processos de desenvolvimento e aprendizagem nesta dimensão dialética, concebendo o ser humano como “sujeito” capaz de criar suas condições e não somente de se adaptar a elas. É essencial considerar essa dinâmica na formação crítica do educador. Esse, como “sujeito”, far-se-á crítico, buscando, permanentemente, por meio das teorias, decodificar a experiência vivida, de tal forma que aquelas possam efetivamente iluminar uma prática pedagógica de nova qualidade. Então, a questão que coloca a autora é: como efetivar a formação docente significativamente crítica?

Esta postura crítica, segundo a autora, permitindo ao educador investigar a gênese dos fatos para além de sua aparente neutralidade, desvela a dimensão histórico-social e subjetiva da realidade, propiciando uma qualificação docente ruptiva em relação à sociedade vigente. Em sua pesquisa, ela identifica ser a reflexão de Marx sobre alienação imprescindível para questionar as formas inibidoras da constituição da consciência crítica no professor. Em particular, examina a categoria do “óbvio”, uma vez que, se a obviedade é instituinte da vida cotidiana e nela é inócua, para a consciência crítica é impeditiva a tal ponto de ocultar para o professor os condicionamentos e determinações de sua consciência, impossibilitando-o de assumir um posicionamento transformador em relação à esfera

---

<sup>1</sup> Professor de Sociologia do Ensino Médio da rede estadual de ensino e Doutorando da Faculdade de Educação/UNICAMP, da área Educação, cultura e sociedade.

cotidiana. Nesse enfoque, uma formação voltada à autonomia e emancipação deveria ser colocada na perspectiva da desmistificação e negação das idéias, crenças e comportamentos “óbvios”, desvendando seu caráter ilusório de realidades inquestionáveis.

A articulação entre linguagem, alienação e desenvolvimento da consciência permite à autora problematizar os impasses, limites e alcances da formação do professor, sem cair na simplificação de transformá-la em mera apropriação técnica de “métodos de ensinar”, reduzidos a uma série de prescrições e receitas. Essa forma instrumental da ação educativa é marcada, segundo ela, pelo uso alienado da “obviedade”, inibindo o educador de perceber a determinação histórica do conhecimento, originado da “necessidade” e em resposta a ela, em determinado contexto histórico-social. O docente, sem constituir sua autonomia, apropria-se dos saberes de forma a-crítica, sem perceber as conseqüências envolvidas nas escolhas que realiza. Dessa forma, sua adesão às teorias não é feita de modo intencional, mas de forma acidental, dirigida pelo acaso.

A linguagem, outra categoria essencial, deve ser analisada, segundo a autora, em uma perspectiva que não a dicotomize em relação à consciência, pois não constituem pontos de partida isolados do desenvolvimento humano, mas elas relacionam-se e formam-se reciprocamente no processo de trabalho mediado por instrumentos. Não existindo *a priori*, não se desenvolvem naturalmente, sendo, antes, o resultado histórico e social da atividade humana. Com base na reflexão vigotskiana sobre pensamento e linguagem, considera Mello que aquele precede a esta última, movendo-se inicialmente por imagens, cabendo finalmente à linguagem realizá-lo em toda sua potencial extensão.

Atentando para a forma ideológica, sob o crivo da alienação, assumida pela linguagem em uma sociedade cujos interesses de classes são antagônicos, a autora não se limita a apontar para a “coisificação” e cristalização de suas significações, voltadas a perpetuar e engendrar as formas de dominação, mas investiga também de que forma, em meio às contradições, emergem as rupturas. Neste caso, é imprescindível, ao meu ver, nos remetermos às considerações de Angel Pino sobre significação, pois ele aponta para a dimensão conflitiva e contraditória na operação que o ser humano realiza ao estabelecer relações possíveis entre sinais e coisas ou eventos, e para a relevância desse processo na emergência da consciência, uma vez que significar traduz “ao mesmo tempo, a natureza dinâmica e produtiva dos homens e as condições reais de sociabilidade criadas por eles”<sup>2</sup>. A criticidade, aí, assume um dos papéis essenciais rumo às transformações, uma vez que nós, professores, só ao nos percebermos como condicionados historicamente e como “sujeitos”, passamos a atuar política e intencionalmente, para além da resignação e do conformismo.

A consciência crítica impõe um posicionamento, exigindo do educador uma relação reflexiva e ativa com seu próprio condicionamento, com o conhecimento da realidade, com os procedimentos e técnicas, com a linguagem, com os usos e costumes, com os outros homens, com a sua vida e consigo mesmo. Assim posta, essa atitude é realmente antagônica a do educador que se utiliza da obviedade na prática educativa: (...)*é preciso que cada falante da língua desconfie da fala cristalizada, fossilizada e procure fazer-se o sujeito de uma fala viva* (p. 106).

2. Pino, Angel. “Relação entre pensamento e linguagem”. Mimeo.

Lido dessa forma, *Linguagem, consciência e alienação* fixa na literatura sobre formação de professores uma ruptura radical com as diversas clivagens ideológicas que reproduzem em um *continuum* a neutralidade e o caráter instrumental do ato educativo, não questionando a que sociedade e indivíduos se dirige. Desse modo, para a autora, professores e alunos, mesmo em meio a uma sociedade alienada, não são “tábulas rasas”, mas “sujeitos” que interpelam, confrontam e resistem rumo à transformação, inventando, construindo e reconstituindo possibilidades.